

MODERNIDADE EM PERSPECTIVA: PROJETOS DE CONJUNTOS
HABITACIONAIS NA REGIÃO METROPOLITANA DE BELÉM
Eixo temático 4: Projeto urbano e modernidade

LIMA, José Júlio (1); EIRÓ, Jorge (2); NUNES, Mateus Carvalho (3).

1. PhD em Arquitetura, Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.
Rua Augusto Corrêa, 1, Guamá, 66075-110, Belém – Pará
E-mail: jjlimaufpa@gmail.com
2. Doutor em Educação, Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.
Rua Augusto Corrêa, 1, Guamá, 66075-110, Belém – Pará
E-mail: eirojorge@gmail.com
3. Graduando na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pará.
Rua Augusto Corrêa, 1, Guamá, 66075-110, Belém – Pará
E-mail: mateusc4@gmail.com

RESUMO

Os conjuntos habitacionais produzidos nas décadas de 1970/80 tiveram importante papel na expansão urbana da Região Metropolitana de Belém, além de acarretarem fortes consequências sociais, provendo moradia para grupos sociais de baixa e média renda. Este paper analisa a presença de elementos da modernidade na produção de habitação social a partir do caso do Conjunto Habitacional Nuneslândia Cidade Satélite, construído pelo Instituto em Belém entre 1970 e 1984. Na primeira parte, o estudo foca nas ideias modernistas presentes em seu desenho e na segunda, em associação, analisa a representação gráfica de desenhos em perspectiva utilizados para publicizar o empreendimento pelo seu promotor, o Governo do Estado do Pará por meio do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado do Pará (IPASEP). Como resultado, o estudo aponta a relação estabelecida entre a produção habitacional e a presença da modernidade em soluções de grande austeridade orçamentária, com sóbrio caráter estético, perenizados nos traços retos e “duros” das perspectivas, componentes marcantes na construção de um ideário moderno, capazes de criar uma narrativa visual para o Estado. Os desenhos, enquanto linguagem gráfica, representam, simultaneamente, expressões de um conjunto de intenções de variados agentes sociais interessados no espaço urbano, além de funcionarem como veículos de propaganda estatal.

Palavras-chave: Conjuntos habitacionais, desenho em perspectiva, política habitacional, Região Metropolitana de Belém.

Introdução

Projetos de habitação de interesse social propostos para a Região Metropolitana de Belém (RMB), que acarretaram marcantes mudanças espaciais e relevantes consequências sociais no meio urbano, se inscrevem na trajetória do Banco Nacional da Habitação (BNH) e, após o fechamento do órgão em 1986, na sua sucessão pela Caixa Econômica Federal (CAIXA). Os conjuntos habitacionais produzidos tiveram importante papel na expansão urbana, além de acarretarem fortes consequências sociais, provendo moradia para grupos sociais de baixa e média renda, apesar da ineficácia de tal produção como solução do déficit habitacional existente nos municípios da RMB. No que tange à produção de arquitetura, enfatizam-se construções de baixo custo, projetos unifamiliares em conjuntos habitacionais localizados ao longo de eixos viários de crescimento urbano e altamente influenciada pelo modernismo.

A pesquisa em que este trabalho se insere busca analisar as representações em perspectiva de propostas para o espaço urbano da RMB, seja por meio de imagens existentes em planos diretores, seja por peças gráficas que acompanham projetos arquitetônicos e urbanísticos. Uma vez que o desenho de perspectivas utilizado para publicizar projetos de tal natureza seja considerado complementar, observa-se que o traço de artistas-arquitetos foi utilizado na ilustração de propostas de diversas naturezas. Algumas delas voltados ao embelezamento dos espaços públicos, como praças ou parques, enquanto outras relacionam-se à habitação ou à infraestrutura sanitária e de transportes.

A metodologia utilizada no trabalho parte do registro dos desenhos de perspectivas veiculadas nos projetos, quando são observados seus aspectos plásticos, técnicas de produção e publicização. Das imagens existentes, optou-se por apresentar o caso de imagens do Conjunto Habitacional Satélite em Belém. Assim, o presente paper, após esta introdução, está dividido em mais três sessões, correspondendo a uma discussão sobre a trajetória da política habitacional na RMB e suas relações com o modernismo, seja na sua inserção na estrutura urbana, quando há uma associação entre o espraiamento urbano, idealizador de uma cidade de baixa densidade e ausência de malha ortogonal, assim como no desenho das edificações e na organização da vida nos espaços públicos. O ideal de vida do homem moderno chega como parte da justificativa para a criação de espaços públicos e sistema viário segregador de pedestres e veículos. Na sessão seguinte, é feita uma análise do Conjunto Habitacional Nuneslândia, mais conhecido como Conjunto Satélite, construído na década de 1970 em Belém. Utiliza-se tanto o registro feito por meio da observação das transformações ocorridas



ao arranjo “modernista” de uma cidade satélite aos moldes do que ocorreu no entorno de Brasília, assim como da linguagem gráfica dos desenhos de perspectiva veiculados quando de seu lançamento. Por fim, o trabalho busca construir uma reflexão que associe a produção habitacional, a sua publicização por meio dos desenhos de perspectiva, associando o contexto da produção arquitetônica a outros aspectos também ligados a concepções modernistas, seja pela vinculação estatal, recorrente no território brasileiro e na região, seja pela tradução do que seria a expressão local do ideário do movimento na produção habitacional.

O modernismo e a trajetória da política habitacional na RMB

Projetos de habitação social se inserem, segundo Gold (1997), na oportunidade que os arquitetos pioneiros do movimento moderno tiveram desde o início do movimento já por volta dos primeiros anos do século XX. Segundo o autor, os arquitetos foram acionados por autoridades municipais na Holanda e Inglaterra para testar ideias e desenhos que fornecessem novos estilos de vida ao proletariado urbano. Historicamente, esse movimento descortinou uma oportunidade para os arquitetos trabalharem em colaboração entre si e com a indústria, ao mesmo tempo em que estes passaram a se envolver de forma definitiva no espectro maior do planejamento urbano. Já nos primeiros projetos habitacionais holandeses, havia a circulação de ideias nascentes de Le Corbusier por meio da divulgação de preceitos dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna, os CIAM. Àquela altura, prédios em quadras do tipo “perimeter blocks”, conhecidos pelos espaços internos de uso comum, permitiram a utilização, ao mesmo tempo, do ideal da “Cidade Jardim” de Howard com a funcionalidade na construção modular, cujo desenho distanciava-se da cidade tradicional.

Neste aspecto, embora não seja o objetivo deste trabalho discutir a emergência das ideias modernistas na habitação, há de se fazer uma relação entre o abstracionismo geométrico encontrado nas concepções de Le Corbusier, capazes de influenciar e estimular a aceitação natural como veículo de mudança da arquitetura moderna. Na Europa, as cidades satélites construídas fazem parte de uma hierarquia garantida pela infraestrutura de transportes, capaz de viabilizar empreendimentos localizados a quilômetros de distância dos centros urbanos. Nessas cidades satélites, a contenção do número de habitantes está associada à própria capacidade da economia fomentar a instalação de indústrias e a implantação de projetos associados aos conceitos do Estado de Bem Estar Social (Gold, 1997, p. 158).

Localização e configuração de conjuntos habitacionais: modernidade e austeridade

Em adequação às novas demandas sociais acarretadas pela Revolução Industrial, percebe-se a formação de conjuntos habitacionais para operários próximos aos centros urbanos de produção industrial. As localizações visavam a eficiência laboral e o melhor aproveitamento do tempo de locomoção da habitação do operário à indústria, as companhias empregadoras provêm destes conjuntos para usufruto dos empregados, com diversos trâmites concernentes a uso e posse, como aluguel das unidades habitacionais, concessão provisória, financiamento ou outras espécies contratuais (Bonduki, 1998).

Os efeitos socioespaciais destas mudanças no sistema de produção são compreendidos de modos diferentes em países bruscamente industrializados e nos que abraçaram estas novas mudanças na economia e na sociedade com mais parcimônia. Em rápida resposta à demanda de mão-de-obra operária, estes países geram um desequilíbrio socioespacial e acarretam na formação de áreas periféricas, com infraestrutura urbana mais precária que nos centros e, concomitantemente, com moradias mais baratas. Tal fenômeno, eventualmente, faz com que os habitantes com menor renda se desloquem para estas áreas, também conhecidas como áreas suburbanas. Nos Estados Unidos, em contrapartida, há uma nova leitura dos subúrbios. Visando evitar o caos dos centros urbanos, surgem empreendimentos imobiliários relativamente afastados do núcleo da cidade, visando eliminar a habitação nas áreas industriais, com infraestrutura bem estabelecida e com densidade habitacional relativamente baixa, destinados às classes com maior poder aquisitivo.

Enquanto proposta urbanística, é exemplo das respostas que então surgem visando remediar as consequências que puderam ser observadas na morfologia das cidades rapidamente industrializadas. Buscando a possibilidade de formação de cidades habitáveis e factíveis dentro do sistema capitalista, Ebenezer Howard publica em 1898 o livro "Tomorrow: A Peaceful Path to Social Reform". No livro, Howard expõe sua proposta de "cidades jardim", pautada essencialmente sobre um dilema conflitante que acompanha a discussão do modernismo em todas as suas instâncias: contenção e expansão. O modernismo, tanto na arquitetura quanto no urbanismo, busca a resposta à expansão exacerbada no mundo moderno, seja espacial, econômica, social ou ideológica, para que haja uma contenção objetivista de modelos e ideais que respondam categoricamente estes questionamentos.

Para Howard (1996), haveria a seguinte agrupação: a cidade central para 58 mil habitantes

seria cercada por “cidades-jardim”, menores, de 30 mil habitantes cada. No espaço intraurbano, espaços verdes seriam utilizados também como ferramenta de contenção da eventual expansão urbana. Segundo Spreiregen (1971), a abordagem analítica de Howard foi indicativa do estudo quase científico que requer a construção de uma cidade moderna, que compreendemos como resultante de sua complexidade de fluxos, rizomática.

A busca da solução para a cidade moderna também é adotada por Le Corbusier em diversos momentos e exemplos. Ao desenvolver um plano hipotético – feito essencialmente ligado à pretensão universalista e standardizadora do pensamento moderno – apresentado em 1922 no Salão de Outono em Paris, intitulado “Une Ville Contemporaine”, o arquiteto redistribuiu espacialmente os elementos da cidade em resposta à congestão da cidade industrial. O plano consistia em três zonas: a cidade central, um cinturão verde – que cumpriria o papel de contenção, como os das cidades-jardim de Howard – e a periferia, composta por cidades-satélites onde viveriam os trabalhadores das fábricas, também situadas na periferia (GOLD, 1997, p. 41).

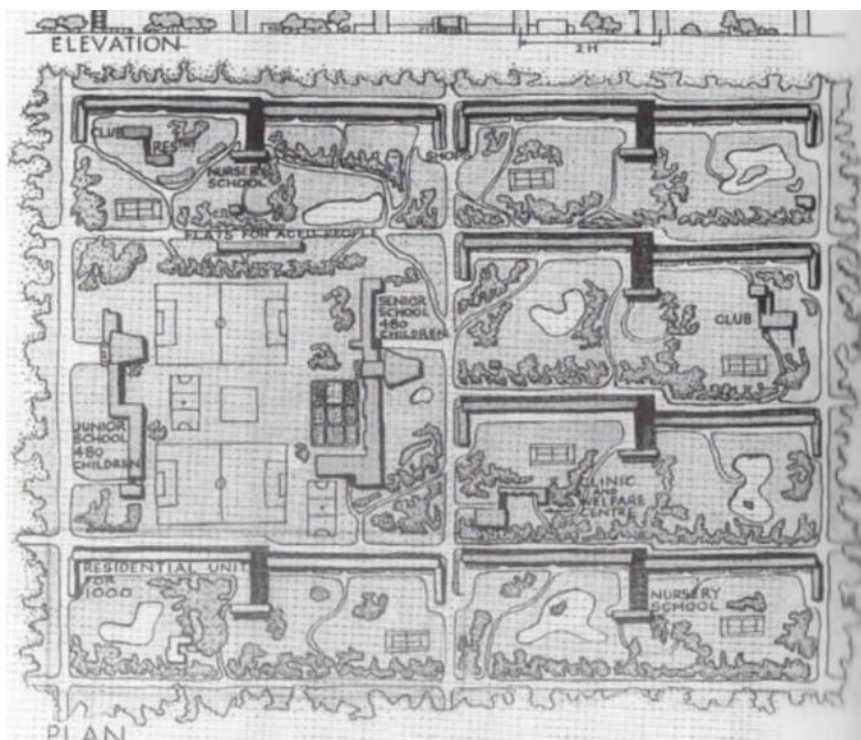


Figura 1: Proposta das unidades de vizinhança no masterplan de 1942 para Londres. Fonte: Gold, 1997, p. 160.



Figura 2: Proposta das unidades de bairro, contendo oito unidades de vizinhança, no masterplan de 1942 para Londres. Fonte: Gold, 1997, p. 161.

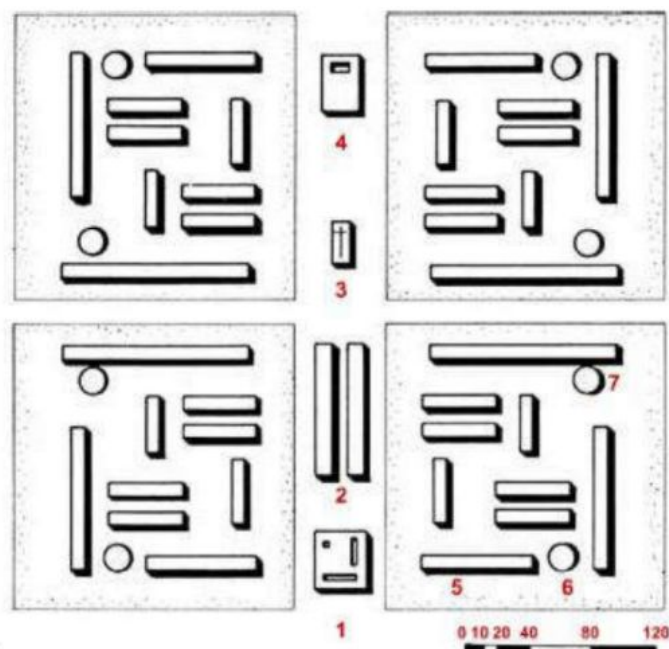


Diagrama modelo

1. Cinema / 2. Lojas / 3. Igreja / 4. Escola-parque / 5. Área verde / 6. Escola pública
7. Jardim-de-infância

Figura 3: Diagrama-modelo do esquema das unidades de vizinhança nas superquadras de Brasília. Fonte: <<http://www.arcoweb.com.br/projetodesign/especiais/oscar-niemeyer-superquadras-brasilia> 01-12-2007>, acessado em 09.02.2018.

O caso do Conjunto Residencial Nuneslândia (Satélite) em Belém

A localização de conjuntos habitacionais construídos nas décadas de 1970 e 1980, segundo a política do BNH, seguia a lógica do preço da terra, de tal modo que terrenos mais baratos no mercado imobiliário eram viabilizados pelas Companhias de Habitação (COHAB),

municipalizados e estadualizados conforme a origem dos mesmos. No Pará, a COHAB insere-se na estrutura governamental estadual e passa a se constituir na única instituição a produzir habitações para camadas de baixa renda no estado. Apesar de ter uma carteira associada a cooperativas de funcionários públicos, como os INOCOOPs federais, a COHAB-PA desenvolveu projetos de conjuntos em terrenos adquiridos diretamente pela companhia, permitidos pela própria composição societária da mesma. A maioria dos conjuntos habitacionais concebida pela COHAB-PA foi construída nos municípios da RMB, o que os fazem assentamentos de grande importância para a expansão da mancha urbana metropolitana. O modelo de crescimento urbano ao longo de vetores rodoviários constitui-se na tônica de ocupação de terrenos lindeiros, formando células fragmentadas no território.

Somente ao final da década de 2000 é possível observar alguma compacidade nas áreas onde os conjuntos foram construídos.

A construção do Conjunto Residencial Nuneslândia, popularmente conhecido como Conjunto Satélite, ocorreu de 1970 a 1984 e representa um dos maiores conjuntos habitacionais do município de Belém. Sugere-se que o uso corrente do termo Conjunto Satélite esteja ligado ao uso do termo em propaganda obtida da época (Figura 5), apesar de não se constituir em matriz única para a trajetória da política habitacional, anos depois no Brasil. Distanciados décadas antes de Brasília, as diferenças entre Cidades Satélites e o abandono dos centros urbanos multifuncionais, os projetos europeus já empregavam o termo Cidade Satélite. O folder promocional do empreendimento (Figura 4) destaca o termo Cidade Satélite como parte das iniciativas do Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Estado do Pará (IPASEP).



Figura 4: Folder de divulgação do Conjunto Nuneslândia Cidade Satélite. Fonte: IPASEP, s.d.

Situado na área da Av. Augusto Montenegro, o conjunto possui um total de 1.704 unidades, ocupando uma área de 755 hectares. O Governo do Pará construiu o empreendimento para seus funcionários em quatro etapas, com quatro projetos diferentes de unidades residenciais, originalmente ocupados de acordo com o status do servidor. A ideia básica para a construção do Conjunto Satélite era que deveria estar localizada suficientemente afastada do centro da cidade, de modo a se configurar como uma cidade satélite, daí sua designação popular.

O projeto apresentou vários espaços abertos a serem integrados exclusivamente por vias de pedestres, conforme sugeridas nas perspectivas do conjunto. Idealmente, estas vias fazem a adequação do fluxo intra-bairro, usualmente feito por pedestres ou ciclistas, diferenciando este do fluxo inter-bairros, predominantemente viário. Contudo, as vias internas não foram mantidas para pedestres, pois foram incorporadas ao sistema viário para uso de veículos. Alguns espaços abertos, também pensados para uso comunitário, foram pouco a pouco anexados indebitamente para o uso exclusivo de moradores que vivem ao lado deles. Muitos destes usos propostos pelos arquitetos modernos ao projetar conjuntos habitacionais não eram efetivados, pois expressavam certa “utopia” (BRUNA, 2010, p. 12), propondo ideias, modos de viver e de usar o espaço comum que não se adequavam à prática da vivência do projeto (Figura 5).

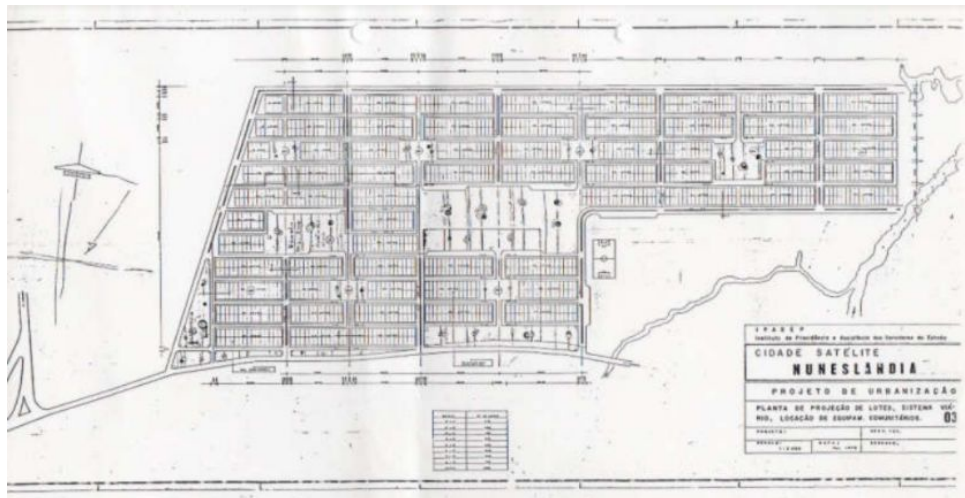


Figura 4: Fac símile da planta do Conjunto Nuneslândia. Fonte: IPASEP, s.d..

O conjunto habitacional teve, nos primeiros estágios de implementação, serviços que incluíram uma delegacia de polícia, uma escola e campos de futebol. No início da década de 1980, a delegacia de polícia foi "atualizada" para abrigar um centro de detenção. Hoje, o foco principal do desenvolvimento constitui-se na área em frente a uma igreja católica, localizada no ponto final de coleta das rotas de ônibus que servem o conjunto.



Figura 6: Planta baixa do Conjunto Nuneslândia, redesenhado. Fonte: Lima, 2000 .

Entre as intenções de projeto observa-se a separação clara dos pedestres do tráfego de veículos, como aparece na planta de parcelamento do conjunto (Figura 6) e em duas perspectivas (Figura 7) que visam mostrar como a vida social funcionaria no esquema. A unidade habitacional básica construída possuía 36 metros quadrados e, de acordo com os arquitetos entrevistados do IPASEP, havia agregações já previstas possíveis de ser

adicionadas pelos moradores. O projeto apresentava vários espaços abertos para serem integrados exclusivamente por vias de pedestres, conforme sugeridas nas perspectivas do conjunto (Figura 7).

O acesso da via principal é feito pela Av. Mário Covas, importante ligação viária entre Belém e o município vizinho de Ananindeua. A primeira fila de casas está situada atrás da via principal e o espaço aberto à sua frente é deixado para a ocupação por usos comunitários nas quadras. O desenho do esquema mostrava também uma extensa área rodoviária e numerosos espaços abertos para serem usados como quadras, conectados à rede de vias de pedestres. Os arquitetos responsáveis pelo desenho do Conjunto Satélite admitiram terem sido influenciados pelas ideias do Movimento Moderno.

Quanto ao sucesso do desenho do conjunto, há de se observar a existência de um número considerável de lotes vazios decorrentes da não implantação de equipamentos e outros serviços previstos no projeto. Um dos residentes entrevistados declarou:

Quando ocupamos as casas, a ideia que nos foi colocada foi que, devido à distância ao centro da cidade, viveríamos em uma espécie de cidade satélite, assim como aquelas em torno de Brasília. O verdadeiro nome do empreendimento não é Satélite, é Nuneslândia (“cidade de Nunes”, nome de um político militar da época). Era como ser uma cidade, mas a realidade era a de uma cidade que não tinha nada, nenhum ônibus para o centro, nem instalações comerciais, nem praças não, era terra de ninguém. (Habitante, entrevista em LIMA, 2000).

Ainda que não tenha sido feita uma análise mais rigorosa do comportamento ambiental em função das decisões de projeto, especialmente quanto a ruas de uso exclusivo de pedestres e a separação de pedestres e veículos, o que se observa hoje é um conjunto habitacional que ocupa grandes dimensões e que, assim como outros de menor porte, padece da falta de infraestrutura básica de drenagem pluvial e de equipamentos públicos.

Modernismo na expressão gráfica das perspectivas do Conjunto Satélite

O disegno do Renascimento, donde se originou a palavra para todas as outras línguas ligadas ao latim, como era de se esperar, tem os dois conteúdos entrelaçados. Um significado e uma semântica, dinâmicos, que agitam a palavra pelo conflito que ela carrega consigo, ao ser expressão de uma linguagem para a técnica e de uma linguagem para a arte. (VILANOVA ARTIGAS, “O Desenho”).

Nosso objeto de análise trata, sobretudo, de uma questão de linguagem. Nesse caso, o

desenho como uma linguagem de representação gráfica que está a serviço de uma concepção de um ideário estético de estado, de sociedade, de mundo. Edith Derdyk (2007, p.18), em seu livro *Disegno.Desenho.Designo*, refere-se aos conteúdos da palavra “desenho”, que Artigas assinala em seu célebre ensaio, para destacar as relações entre arte, ciência e técnica que a linguagem do desenho comporta, “agenciando suas atuações no mundo (...), afirmando a vocação intersemiótica que o desenho transporta em suas linhas de fuga”. Sob essa perspectiva o desenho conforma-se como uma produção cultural que reflete percepções e conceitos de um ideário de mundo, ganhando, assim, uma dimensão estético-política, a qual procura ser traduzida/representada em suas linhas, figuras e formas. O desenho acaba por assim representar a identidade visual de uma determinada concepção projetiva que, por sua vez, atende a uma concepção de mundo, cuja imagem pretende ser (re)produzida, como o caso das perspectivas do projeto arquitetônico e urbanístico em pauta neste artigo.

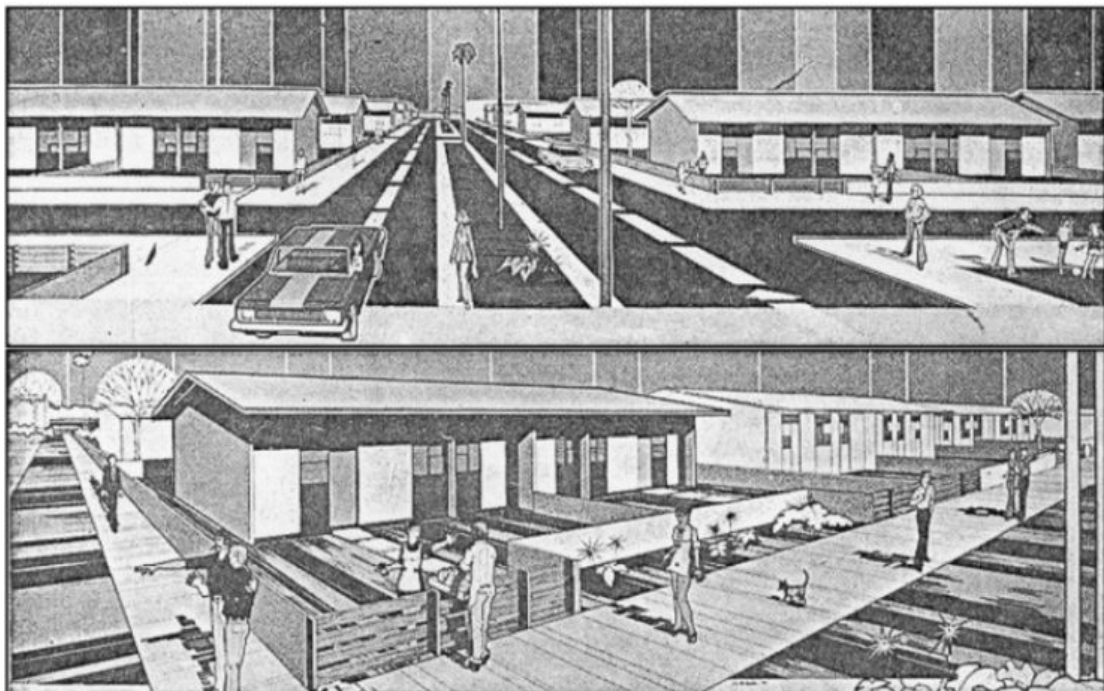


Figura 7: Perspectivas do Conjunto Nuneslândia. Fonte: IPASEP, s.d.

Tomando como referências as imagens da Figura 7, observa-se uma concepção estilística de desenho em perspectiva com uma clara opção por um traçado de forma rigidamente geométrica. Tal opção parece refletir que essa forma de representação estaria notadamente alinhada a uma percepção modernista, visto que o emprego de um rígido traçado geométrico, com o rigor de linhas retas e uma ênfase na ortogonalidade (quase um “desenho técnico”), corresponderia plenamente a uma concepção racionalista-construtivista, portanto, bem de

acordo com o ideário estético dominante da expressão artístico arquitetônica moderna. A começar pela própria proposta arquitetônica das unidades habitacionais, em que pode-se assinalar a ênfase numa sobriedade formal projetiva, considerando esta ser de caráter popular, com uma nítida opção por um traçado racional funcionalista. Note-se, nesse caso, a quase absoluta ausência de linhas curvas e formas orgânicas, numa representação em que mesmo os elementos naturais da paisagem e dos volumes orgânicos ganham uma estilização geométrico-cubista, num modo de conversão a uma estética caracteristicamente modernista.

Curiosamente, embora o empreendimento tenha sido proposto para uma cidade em meio a uma região de exuberante patrimônio florestal, a presença de elementos vegetais é quase desprezível no desenho e, quando ainda acontece, seus volumes ganham um tratamento geométrico estilizado, “concretizado”, diríamos, como se essa forma de representação legitimasse a exigência de uma caracterização modernista. No aspecto geral, o paisagismo parece não ter vez nessa representação em foco. Uma observação que nos remete a Jameson (1996, p. 13) ao afirmar que “o processo de modernização está completo quando a natureza se foi embora para sempre”. Assim, o próprio horizonte ao fundo ganha forma de um “cenário” de painéis verticais que acabam por compactar essa paisagem, a despeito do empreendimento ter sido implantado em uma área afastada do centro da cidade e de densa massa florestal. Ou seja, a presença do elemento natureza, algo que deveria se evidenciar emoldurando o desenho ao fundo, foi solenemente ignorada e, assim, indo “embora para sempre”. Por sua vez, as figuras humanas, representadas em calungas, ganham um tratamento de formas orgânicas mais naturalistas, com o propósito de esboçar mais espontaneidade dos personagens e, dessa maneira, “humanizar” a concretude arquitetônico-urbanística da proposta. No entanto, observemos que, ironicamente, as sombras projetadas dessas figuras humanas convertem-se em planos geométricos rebatidos em perspectiva.

Considerações finais

A observação distanciada do conjunto habitacional Satélite sob uma espessura maior de tempo sugere associar preceitos modernistas à sua configuração interna, mesmo que se reconheça que as circunstâncias em que os mesmos foram inseridos não possam ser tratadas como determinantes modernos. Relações com os traçados de inspiração modernista podem ser apreciadas, mais à frente, na análise das formas modernistas empregadas nas perspectivas dos projetos de implantação do conjunto habitacional em questão.

A localização fragmentada de conjuntos habitacionais no território é causada ainda pela falta de infraestrutura de saneamento e viária. Embora os conjuntos estejam localizados em terrenos lindeiros a vetores de crescimento urbano, os mesmos se constituem em mero acesso a uma via principal, sem consolidação capaz de um continuum entre a malha viária do entorno e do interior. Sob outro aspecto, efetuando-se uma análise da configuração dos conjuntos habitacionais, percebe-se a criação de uma malha viária interna sem conexões com os entornos, sejam das vias de ligação, seja com outros conjuntos habitacionais construídos.

De modo geral, a representação gráfica dos arranjos internos procura dar conta não só das linhas e formas de uma concepção arquitetônico-urbanística, mas em se configurar como uma narrativa visual adota pelo Estado sob a perspectiva de um ideário de mundo moderno. Compreende-se que os artifícios plástico-gráficos empregados atenderiam, por fim, a uma intenção de assim representar a opção por um estilo de vida (de moradia) moderna, de todo modo considerado mais “avançado”. A representação em si estaria assim identificada com seu zeitgeist, o espírito de um tempo cujo modelo estético expressaria um desejo de ser moderno que seria concretizado conforme o que se afirmava como a referência de cidade mais avançada àquela época, ou seja, Brasília, com suas linhas arrojadas e sua proposição de cidades satélites orbitando a urbe moderna.

Sugere-se que nos projetos de conjuntos habitacionais estatais a disseminação de modernidade ocorre em diversos arranjos urbanísticos, como separação de pedestres e veículos, vias sem saída, amplos espaços livres e grande repetição tipológica como nos desenhos. A presença da modernidade nas soluções amplia-se na austeridade arquitetônica, com sóbrio caráter estético, e perenizam-se nos traços retos e “duros” das perspectivas, componentes presentes na construção de um ideário moderno, capaz de criar uma narrativa visual para o Estado. Os desenhos são, simultaneamente, expressões de um conjunto de intenções de variados agentes sociais interessados no espaço urbano, além de funcionarem como veículos de propaganda estatal.



Referências Bibliográficas

ARTIGAS, Vilanova. Sobre o Desenho. São Paulo: FAU-USP, 1975.

BONDUKI, Nabil Georges. Origens da habitação social no Brasil. Arquitetura moderna, Lei do Inquilinato e difusão da casa própria. São Paulo: Estação Liberdade/FAPESP, 1998.

BRUNA, Paulo. Os primeiros arquitetos modernos: habitação social no Brasil 1930-1950. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

DERDYK, Edith. Disegno.Desenho.Designo. Senac. São Paulo, 2007.

GOLD, John. The experience of Modernism, Modern Architects and the future city, 1928-53. Londres: E&FNSpon, 1997.

HOWARD, Ebenezer. Cidades-Jardins de amanhã. São Paulo: Estudos Urbanos, Série Arte e Vida Urbana, Hucitec, 1996, p. 116.

IPASEP. Projeto do Conjunto Nuneslândia Cidade Satélite. Cópia, s.d.

JAMESON, Fredric. Pós-Modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

LIMA, José Júlio. Regularatory instruments and urban form: searching for social equity in Belém. Tese de doutorado. Oxford Brookes University, 2000.

SPREIREGEN, Paul. Compendio de Arquitectura Urbana. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1971.